

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

MISCELLANEA FOLK-LORICA

(Continuada do n.º 24)

96

O meu bem tem olhos
A' contrabandista,
Olhos mais galantes
Não vão á revista.

97

Eu cuidava que Elvas
Era algum curral,
E' praça fechada
De areia e cal.

98

Eu cuidava que Elvas
Era alguma aldeia,
E' praça fechada
De cal e areia.

99

Se fores a Elvas
Vae lá cima ao forte,
Verás as bandeiras
Viradas ao norte.

100

Toca á retreta,
Deixal-a tocar,
As meninas bonitas
São p'r'ós militares.

101

Já numero 5,
Divisão do sul,
Canhão onearnado
Tem a gola azul.

102

Já numero 3,
Divisão do centro,
Quem me dera ver
Teu regimento.

103

Cabos o sargentos
Já não valem nada,
Agora quem brilha
São os anspeçadas.

104

Se eu soubera ler,
Como sei cantar,
Lá na minha terra
Era general.

105

Se me levam preso,

Não é por ladrão,
Por faltar ás ordens
Do meu capitão.

106

A' entrada d'Elvas
Achei um dedal,
Logo fui dar parte
Ao meu general.

107

Já não ha quem queira
Ganhar um pataco,
Por levar uma carta
Ao quartel do 4.

108

Já não ha quem queira
Ganhar um viateu,
Por levar uma carta
Ao largo do Trem.

109

A' entrada d'Elvas
Achei um anuel,
Logo foi dar parte
Ao meu coronel.

110

A' ontrada d'Elvas
Uma voz ouvi,
Prendem-me p'ra soldado,
Que será de mim?

111

Lá cima ao Castello
Estão os caçadores,
Diga-me, ó menina,
Se já tem amores.

112

O meu bem amado
E' um furriel,
E' o melhor moço
Que vai ao quartel.

113

O meu bem amado
E' um anspeçada,
E' o melhor moço
Que vae á parada.

114

Ailé,

Lá baixo ao Fortão,
Prendem meu amor,
C' um grande cordão.

115

Ailé.

Lá baixo á parada,

Prendem meu amor
Com'ma fita encarnada.

116

Ailé,

Viv' ó encarnado,
Que é o fardamento
Do meu bem amado.

117

Cabos e sargentos
Não valem *derréis*,
Agora quem brilha
São os furrieis.

118

Ailé,

Soldados, infantes,
Queiram d'acavallo
Que são mais galantes.

XLIII

Facecia popular

O CASAMENTO DO GALLEGO

—Pae Zé!
—O que quer?
—Ouro e prata
E a moça honrada.
—Ouro e prata não ha.
A moça ella ahí está,
Se ella ergueu, ou abaixou,
Ou n'algum ergalho oncalhou,
Conforme está assim lh'a dou.

Agora diz o cura:

—Aqui está esta cachopa,
Que se quer encachopar,
Se não ha quem a queira
Vae para o seu logar.

O gallego:

—Eu que la quero,
Eu que la pretendo,
Eu qui aqui bim
Assim o entendo.

(Beja).

*Recolhido pelo sr. José Bernardo
d'A Assumpção.)*

XLIV

Padre nosso pequenino

(3.^a versão)

Padre nosso pequenino,
Sete anjos vão comigo,
Nossa Senhora é minha madrinha,

Que me fez a cruz na testa,
P'ra que o diabo não me impeça
Nem de noite nem de dia,
Nem ao pino do meio dia.
Já os galos cantam, cantam,
Já os anjos se levantam,
Já o Senhor subiu á cruz,
P'ra nos remir e salvar,
Para sempre Amen Jesus.

(Coimbra)

(Recolhida pelo sr. Manoel Coimbra).

XLV

Salve Rainha

Salve Rainha
Pequenina,
Rosa divina,
Cravo d'amor,
Mãe do Senhor,
Da-nos Gloria
E entendimento,
Para receber
O Santissimo Sacramento.

(Coimbra).

(Recolhida pelo sr. Manoel Coimbra)

XLVI

(Romance)

O pobresinho

(2.^a versão do romance n.º 32)

Indo o lavrador por um caminho
Encontrou um pobresinho,
O pobresinho lhe disse
Se no seu carro o levava.
E no seu carro o levou,
Na sua casa o foi pôr,
Na sua casa o deixou.
Mandou-lhe fazer a ceia
Dos melhores manjares que tinha;
A ceia já era feita
O pobresinho não comia;
Mandou-lhe fazer a cama
Da melhor roupa que tinha,
Por cima damasco rôxo,
Por baixo cambraia fina.
Lá por essa noite adiante
O pobresinho gemia;
Levantou-se o lavrador
A ver o que o pobre tinha;
E o pobresinho lhe disse:
—Escuta, lavrador, escuta,

Porque amanhã é o teu dia,
A tua mulher nos infernos,
Tu na minha companhia.—
Tocam os sinos em Belém:
—Quem morreu, quem morreria?
—Foi Christo Nosso Senhor
Filho da Virgem Mara.

(Recolida em *Elvas*, pelo sr. José
Joaquim Ferreira).

XLVII

As doze petições

O' Senhor do Calvario,
Tendes a cruz do oliveira,
Sois o mais formoso cravo
Que nasceste na craveira,
Vosso nome lindo é,
De Jesus da Nazareth,
Em vós tenho confiança
De morrer pela fé;
Vossos sagrados cabellos
Mais finos que o puro ouro,
Dae-me licença, Senhor,
Que eu entre no vosso thesouro;
Vossa sagrada cabeça,
Coroada de espinhos,
Por amor dos meus peccados
Passaste tantos martyrios;
Vossos sagrados olhos,
Inclinados para o chão,
Por amor dos meus peccados
Passaste a morte e paixão;
O vosso sagrado rosto,
Cheio de escairos nojentos,
Por amor dos meus peccados
Passaste tantos tormentos;
Vossa sagrada bocca,
Cheia de fel e amargor,
Por amor dos meus peccados
Perdoae meu bom Senhor;
Vossa sagrada garganta,
Enleada com 'ma corda,
Por amor dos meus peccados,
Senhor Deus misericordia;
O vosso sagrado hombro,
Anunado a um madeiro,
Por amor dos meus peccados
Padeceu um Deus verdadeiro;
Vosso sagrado lado,
Aberto a fio d'uma lança,
Entre n'inh'alma por elle,
Dae-me Senhor confiança;
Vossa sagrada cintura,
Com uma toalha cingida,
Por amor dos meus peccados
Perdeu o Senhor a vida;

Vossos sagrados joelhos,
Todos ensanguentados,
Por amor dos meus peccados
Senhor Deus crucificado;
Vossos sagrados pés,
Mais alvos que a neve pura,
Correndo rios de sangue
P'la rua d'Amargura.
O' que ditosa mulher
Foi aquella do Calvario,
A quem deste a prenda
Do vosso Santo sudario.
Estas doze petições
As vós, Senhor, as entrego,
Para que á hora da morte
Me tenhæes o ceo aberto.

(Recolhida em *Elvas* pelo sr. José
Joaquim Ferreira).

XLVIII

Cantigas historicas

Sob este titulo, fiz inserir em folhetins d'esta folha, no anno proximo passado, 140 cantos populares com referencias politicas, recolhidos da tradição oral n'esta provincia.

Semelhante publicação foi um grave escandalo para certas e determinadas *intelligencias*. . . superiores d'esta cidade, as quaes teem por principal officio, e ás vezes por unica occupação, mal dizer e desdenhar (com uma audacia e um atrevimento inqualificaveis) de tudo o que não percebem, nem são capazes de perceber.

Pois, a par das criticas haenas d'esses maldizentes encartados, fui honrado com uma carta do illustre auctor do *Portugal contemporaneo*, sr. Oliveira Martins, aconselhando-me a publicar em volume aquella collecção de cantigas.

«O cancionero popular po-

litico contemporaneo, dizia-me o sr. Oliveira Martins, é um trabalho de summo interesse, e v. , com o peculio que possue, devia publical-o em volume. D'esses cantares singelos e espontaneos do povo, durante os periodos das suas crises angustiosas, sae uma lição eloquente para todos: para o historiador e para o moralista, para o ethnologo e para o politico. Realise v. essa obra, e bem merecerá de todos os que se interessam por esse ser collectivo e anonymo que se chama povo».

Possuido do maior reconhecimento, aceitei o conselho do illustre historiador, e pedi-lhe que se dignasse preceder o meu livro de algumas palavras suas. Annuio o sr. Oliveira Martins, muito amavelmente á minha rogativa, e tratei, com grande affinco, de recolher o maior numero de trovas populares politica, que podesse, para, com as que haviam sido publicadas em seis folhetins do *Elvense*, coordenal-as e annotal-as e formar com todas ellas o volume.

Não foram infructiferas as novas investigações; graças á boa vontade de amigos meus, mais alguns cantos foram desenterrados.

Procedia ao trabalho da classificação chronologica e annotações, quando, pelo meu particular amigo sr. José Joaquim Ferreira, tive conhecimento do recente livro do sr. Alberto Pimentel, intitulado *A Musa das revoluções (Memoria sobre a poesia popular*

portugueza nos acontecimentos politicos).

Ao lól-o, reconheci que fóra preenchida na litteratura portugueza a lacuna accusada pelo sr. Oliveira Martins.

Cumpria-me, portanto, abandonar o trabalho encetado; pessoa muito mais competente do que eu havia realisado a publicação de um cancioneiro popular politico portuguez. Mas, para não ficarem ali para um canto os materiaes que, n'este genero, ultimamente arranquei da tradição, e os que, a meu pedido, foram desenterrados, resolvi (visto elles não figurarem no peculio de canções politicas reunido pelo sr. Alberto Pimentel) dar-lhes logar n'esta *Miscellanea folk lorica*, mencionando escrupulosamente os nomes das pessoas a quem os devo, como é da praxe, especialmente n'este genero de estudos;—praxe que não vejo geralmente seguida; de que nem sempre usa o sr. Alberto Pimentel; mas que eu sempre respeitei, e continuarei respeitando, para que nunca se me possa applicar, com justiça, o bem conhecido apodo.

Sic vos non vobis. . .

de Virgilio,

ANTONIO THOMAZ PIRES.

(De 1828 a 1834)

Arre malhados,
Arre cacarros,
Arre patifes,
Desavergonhados. (1)

(1) Estribilho do Rei-Chegou
(Continúa)